

I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO **ANTIRRACISTA** NO SERVIÇO SOCIAL

Sessão temática 1 – Questão social e questão étnico-racial

RACISMO E REPRESENTAÇÕES DA MULHER NEGRA NA MÍDIA

Luciana da Silva Oliveira

luciana.oliveira23@unifesp.br

Renata Cristina Gonçalves Santos

renata.goncalves23@unifesp.br

Resumo: A pesquisa propõe uma análise histórica acerca das representações racistas e estereotipadas de mulheres negras na mídia, enquanto resultado de um processo histórico violento e seus impactos na sociabilidade.

Palavras - chave: Racismo, mídia, cultura, capitalismo, sexismo.

Introdução e metodologia

O documento presente é resultado de uma pesquisa referente à unidade curricular Pesquisa Social II, ofertada no curso de graduação de Serviço Social da Universidade Federal de São Paulo intitulado *“Racismo e representações da mulher negra na mídia”*.

O objetivo principal foi pesquisar acerca de como as condições sociais produzidas pela relação capital-trabalho necessita manter o pauperismo da população negra, de forma que a indústria cultural enquanto um dos aparelhos ideológicos do Estado atua em função da marginalização e o controle sobre o corpo social negro, de maneira geral, produzindo estigmas e violências que materializam em um projeto de apagamento do negro brasileiro, impossibilitando sua promoção em todas as esferas sociais, mas fazendo um recorte interseccional pensando no lugar da mulher negra na sociabilidade.

A princípio foi utilizado a autora Lélia Gonzalez para retomar de maneira histórica a relação entre racismo, sexismo e as representações da mulher negra na sociedade brasileira. Nesse sentido, a autora discorre de maneira brilhante e crítica a forma como operam os atravessamentos do racismo e do sexismo. “O lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo”.

Lélia destaca que o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a *neurose cultural brasileira* e sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular. Em sua análise, a autora pontua o papel das mulheres negras em relação



I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO **ANTIRRACISTA** NO SERVIÇO SOCIAL

às noções de *mulata*, *doméstica* e *mãe preta* na sociedade brasileira, que são invocadas para definir a mulher negra a depender do contexto em que são inseridas. Além disso, outro referencial para o debate é o autor Frantz Fanon que prova a relação entre cultura e racismo, trazendo uma reflexão sobre as estruturas de dominação colonial e suas consequências nas identidades culturais e psicológicas do povo negro. Fanon investiga como o racismo vai além de um sistema de opressão fundamentado na cor da pele, configurando-se como um mecanismo complexo que desumaniza, fragmenta e aliena a sociedade. Para ele, o racismo está profundamente enraizado no projeto colonial, que visa desvalorizar e eliminar as tradições, idiomas e valores dos colonizados, substituindo-os por uma ilusória superioridade cultural do colonizador.

A pesquisa possui uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico documental e exploratório a partir de matérias como livros, artigos e repertórios culturais, buscando observar a realidade social sem exercer intervenções, analisando o processo sócio histórico de formação do Brasil e representações da mulher negra na mídia a partir de um pensamento, projeção colonial, compreendendo que muitas das violências e estereótipos que acometem essas mulheres é um produto histórico violento da colonização.

Resultados

Na obra *Por um feminismo afro latino americano* (1983) a autora Lélia González interpreta e analisa os atravessamentos do racismo e do sexismo a partir do conceito de memória e consciência, para assim, diferenciar o que é sobre "nós" e o que é do "outro". Por exemplo, a consciência na concepção de Lélia representa o lugar do desconhecimento, alienação e do esquecimento (discurso ideológico).

Já a memória considera saber o que não conhece, restituem uma história não escrita, "*consciência exclui o que memória inclui*". Na medida em que é o lugar da rejeição, a consciência se expressa como discurso dominante (ou efeitos desse discurso) numa determinada cultura, ocultando a memória, mediante a imposição do que ela, consciência, afirma como a verdade.

Transpondo-se para o viés racial, no imaginário social brasileiro, a história de pessoas negras se resume sobretudo à escravidão, o discurso ideológico acerca dos estereótipos atribuídos à pessoas negras se faz fortemente presente pelo que a consciência implica.

A busca por uma identidade nacional brasileira subverteu aspectos históricos na "cultura brasileira", quando nota-se que durante o carnaval, uma comemoração brasileira conhecida mundialmente, transforma a mulher negra em um objeto de poder, de desejo, um símbolo sexual.



I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO **ANTIRRACISTA** NO SERVIÇO SOCIAL

[...]E é nesse instante que a mulher negra se transforma única e exclusivamente na rainha, na “mulata deusa do meu samba”, “que passa com graça/ fazendo pirraça/ fingindo inocente/ tirando o sossego da gente”. É nos desfiles das escolas de primeiro grupo que a vemos em sua máxima exaltação. (González, 71, p. 3).

Sob esta ótica, foi possível perceber que pessoas negras não vivem numa democracia racial como é divulgado e aceitado por outros países, visto que, mulheres pretas sofrem inúmeras violências, que nos mostram veladamente acerca das mesmas violências que sofriam durante a escravidão no Brasil. O fato de pessoas negras, religiões de matriz africana são cultuadas durante alguns dias no ano oculta o fato de pessoas negras serem esmagadas pelo racismo diariamente, trazendo uma falsa sensação de inclusão que fortemente é afirmada por essa cultura do carnaval, dificultando a identificação do corpo social brasileiro acerca das violências que os acometem, colocando o racismo num patamar de extrema violência.

Lélia nos traz uma visão acerca dos lugares que a mulher negra é posta dentro da sociedade, na violência simbólica que acomete as mesmas mesmo no contexto de “glamourização” com cunho sexual enfatizando a falsa ideia de pertencimento, de ocupar um lugar de prestígio no imaginário social uma vez por ano e nos outros dias é lhe atribuída à imagem de “servente” no sentido de que, mulheres negras ocupam os mesmos locais, de maneira análoga à escravidão.

“Como todo mito, o da democracia racial oculta para além do que ele mostra. Numa aproximação, constatamos que exerce sua violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra, pois o outro lado do endeusamento carnavalesco ocorre no cotidiano dessa mulher no momento em que ela se transfigura na empregada doméstica. É por aí que a culpabilidade engendrada pelo seu endeusamento se exerce com fortes cargas de agressividade”. “É por aí, também, que se constata que os termos “mulata”, e “doméstica” são atribuições de um mesmo sujeito.” (González, 1989, p 71).

Portanto, a mulher negra recebeu uma grande herança cultural: ser objeto de prazer dos colonizadores. Esse símbolo sexual que ela ocupa pode relacionar-se com o ato de “coisificação”, pois a mulher negra recebe o pior tratamento dentro da sociedade. Compreender o impacto da herança colonial é fundamental para propor um rompimento com



I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO **ANTIRRACISTA** NO SERVIÇO SOCIAL

tal lógica que estigmatiza e mata corpos pretos, considerando juntamente a ampliação do debate antirracista no campo do Serviço Social.

Análise e apresentação dos resultados

A partir do estudo das relações raciais no Brasil, desde a sua formação e a manifestação do racismo em diversas esferas sociais a partir de uma produção midiática e ideologicamente racista, conclui-se que sim, é possível relacionar a mídia como um dos fatores estruturantes para os estereótipos e representações da mulher negra na sociedade brasileira. Podendo dizer que a busca por uma identidade nacional brasileira subverteu aspectos históricos e padrões coloniais em "cultura brasileira", quando nota-se que a representação de pessoas negras como um todo, no imaginário social, se dá a partir de papéis de criminalização, violência, servidão, sexualização do corpo dentre outras representações, enquanto de pessoas brancas em cargos de liderança e protagonismo de maneira meritocrática, fazendo um reducionismo histórico da escravidão que deixou marcas profundas na sociedade brasileira.

Considerações finais

Sendo assim, podemos concluir que as violências que acometem mulheres negras se estruturam a partir de uma lógica racista e patriarcal que subjuga, mata, pune e aprisiona de diferentes formas, seja pelas representações do corpo, pelos cargos de subserviência e, sobretudo, a violência do Estado. Fazendo necessário intervenções políticas e sociais que considerem as intersecções de gênero e raça na sociabilidade brasileira.

Em síntese, o antagonismo de classes e a luta pelo fim da exploração também se dá pelo campo intelectual para a criação de políticas sociais que integrem todas as classes populares de maneira interseccional, a fim de construir uma sociedade mais justa e igualitária livre do domínio de uma classe sobre a outra, logo, ter uma formação profissional antirracista rompe com a lógica branca capitalista ao adotar um caráter político com uma dimensão da totalidade histórica para desta forma, enfrentar as expressões da questão social no exercício profissional



I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO **ANTIRRACISTA** NO SERVIÇO SOCIAL

de maneira ética e comprometida com a classe trabalhadora e suas demandas nas camadas mais profundas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. [S.l.]: Editora Jandaira, 2020.

CEERT – Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades. *Equidade racial e de gênero*. Disponível em: <https://ceert.org.br/>. Acesso em: 04 de maio de 2025

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (coord.). *Atlas da violência 2023*. Brasília: Ipea; FBSP, 2023. DOI: <https://dx.doi.org/10.38116/riatlasdaviolencia2023>.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. 3. ed. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. [S.l.]: Dominus Editora, 1973.

GELEDÉS – Instituto da Mulher Negra. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/>. Acesso em: 04 de maio de 2025.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. [S.l.]: Editora Zahar, 2020.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. [S.l.]: Editora Perspectiva, 2016.

